



Geração universitária da PUC Minas: o que mudou entre 1990 e 2013?*

University generation at PUC Minas:
what has changed between 1990 and 2013?

Paulo Agostinho N. Baptista**

Resumo

Este artigo apresenta os principais dados, e algumas hipóteses interpretativas, sobre uma primeira leitura da pesquisa “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso”, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), realizada por meio de *survey* aplicado em novembro e dezembro de 2013 a estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Igualmente, objetiva-se apresentar dados comparativos, nos elementos possíveis, pois houve ampliação e mudança no questionário, com relatório do *survey* de 1990, sobre o “Perfil do Estudante da PUC Minas”, de modo a oferecer um quadro de duas gerações de estudantes dessa universidade e responder: o que mudou em 23 anos? Ao revelar as mudanças e continuidades no perfil dos estudantes, a pesquisa oferece dados e elementos para compreender melhor o jovem atual e, assim, indicar não apenas à universidade, mas também àqueles que pesquisam sobre Ensino Superior e religião, o desafio de analisar e aprofundar o conhecimento acerca dessas temáticas. Destacam-se alguns aspectos fundamentais do “Perfil do Estudante da PUC Minas”: dados gerais e demográficos (idade, naturalidade, domicílio, estado civil e renda familiar), dados escolares e acadêmicos, como origem e avaliação escolar, caracterização religiosa e sociopolítica, e sexualidade e situação da fecundidade.

Palavras-chave: Geração universitária. Perfil da juventude. Religião. Demografia.

Abstract

This article presents the main data, and some interpretive hypotheses, on a first reading of the research “University generation: current profile. A case study”, supported by the Brazilian National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), conducted by means of a survey applied in November and December 2013 to students at Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Likewise, the goal is showing comparative data, on the possible elements, because there was increase and change in the questionnaire, with the survey report from 1990, on the “Student Profile at PUC Minas”, in order to provide a frame of two generations of students at this university and answer: what has changed over 23 years? By revealing changes and continuities in the students’ profile, this research provides data and elements to better understand the current young individual, and, this way, it points out not only to the university, but also to those investigating Higher Education and religion, the challenge of analyzing and deepening knowledge on these themes. Some key aspects of the “Student Profile at PUC Minas” are highlighted: general and demographic data (age, birthplace, domicile, marital status, and family income), school and academic data, such as origin and school evaluation, religious and sociopolitical characterization, and sexuality and fertility status.

Keywords: University generation. Youth profile. Religion. Demography.

Artigo submetido em 06 dez. 2014 e aprovado em 08 jan. 2015.

* Utilizou-se de parte dos dados que serão publicados nos Anais do XIX Enc. Nac. de Est. Populacionais, ABEP (São Pedro/SP – de 24 a 28 de nov. 2014), fundamentando Pôster apresentado nesse evento, que foram corrigidos e ampliados. Artigo apresentado como requisito do Pós-doutorado em Demografia (CEDEPLAR/UFMG), sob supervisão de Paula Miranda-Ribeiro, a quem agradeço. Agradecemos ao CNPq, projeto (2012-2014) sob a coordenação de Pedro de A. Ribeiro de Oliveira, Paulo Agostinho N. Baptista e Roberlei Panasiwicz da PUC Minas, e também o apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIP PUC Minas (2013-2014). Também somos gratos a Afonso Brade Teixeira Júnior e Flávio Henrique Pereira de Oliveira, Bolsistas de PROBIC da PUC Minas, e especialmente o apoio do reitor Dom Joaquim G. Mol Guimarães, da presidente da CPA profa. Antonia M. Rocha Montenegro, da funcionária da CPA Isabel Cristina Passos e equipe (Leandro Lessa e Caio Ribeiro), da profa. de Estatística Elisete de Assis Rebello e da funcionária Júnia Peixoto do GTI/DATAPUC.

** Doutor em Ciências da Religião, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). País de origem: Brasil. E-mail: pagostin@gmail.com

*Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo.
[...]
Pero no cambia mi amor
Por más lejo que me encuentre
Ni el recuerdo ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente.
Cambia, todo cambia.
Cambia, todo cambia.
Julio Numhauser (Todo Cambia, 1982)*

Aos mestres Alberto Antoniazzi (†2004) e João Batista Libanio (†2014)

Introdução

Houve, nos últimos 25 anos, enorme expansão do Ensino Superior no país. Esse é um dos importantes indicadores que também podem mostrar a redução da desigualdade no Brasil. O número de estudantes matriculados em 2010, nos 29.507 cursos de graduação, distribuídos em 2.377 das instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, apresentou crescimento de mais de 400%, passando de 1,565 para 6,379 milhões entre 1991 e 2010 (BRASIL, 2012). O último Censo da Educação Superior, de 2013, mostra que esse número já está em 7,3 milhões, em 32.000 cursos de graduação distribuídos em 2.400 IES (BRASIL, 2014). Tal mudança revela a inclusão de outros estratos sociais que agora chegam à universidade.

Para todos os envolvidos com o Ensino Superior, é de grande interesse conhecer o atual perfil do estudante universitário, especialmente comparando-o ao de duas décadas atrás, quase uma geração (cronologicamente)¹. Dada a amplitude do tema, esta pesquisa enfocou um estudo de caso sobre o perfil dos estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) realizado em 2013.

A escolha da PUC Minas para este estudo de caso se justifica, primeiramente, porque se trata de uma universidade de grande porte – é considerada a maior universidade católica do mundo (58.000 alunos) – além de ter

¹ O debate sobre o conceito “geração” é importante e antigo, mas não há espaço para trabalhá-lo neste artigo e nem utilizá-lo como categoria analítica. Ver a discussão no texto de Feixa e Leccardi (2010), no dossiê de **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, maio/agosto 2010, que aborda parte da história do conceito e sua importância na sociologia, especialmente a concepção de Manheim e Bauman, utilizado como metáfora para a interpretação do tempo e da sociedade. Sobre “Juventude”, ver Abramo e Martoni Branco (2004) e Abramovay e Castro (2006) e, ainda, Abramovay et al. (2007). Em demografia, o conceito de geração é mais complexo e pode ser encontrado em United Nations (2014).

presença significativa nas diversas áreas de graduação e de pesquisa, além de realizar importante trabalho de extensão universitária. Ela também está bastante inserida na sociedade, especialmente a mineira, devido a suas diversas unidades: Arcos, Belo Horizonte, Betim, Contagem, Guanhães, Juiz de Fora, Poços de Caldas e Serro, chegando, agora, ao Triângulo Mineiro (Uberlândia). Em segundo lugar, e principalmente, porque em 1990 foi realizada outra pesquisa sobre o perfil de seus estudantes (BAPTISTA, 2013a), base para o novo estudo comparativo.

O objetivo deste artigo é apresentar uma visão panorâmica do perfil dos estudantes da PUC Minas e algumas hipóteses interpretativas, com base nos dados de dois *surveys*: “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso” (2013), que teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC Minas, e comparar esse perfil com os dados possíveis da pesquisa “Perfil dos Estudantes da PUC-MG” (1990). Com esses dados, torna-se possível refletir sobre o que mudou entre 1990 e 2013.

Apresenta-se, inicialmente, o histórico e a metodologia utilizada e, em seguida, os resultados quantitativos e os dados comparativos, com algumas hipóteses explicativas, arriscando breves análises. Há um enorme volume de dados, ainda maior com a comparação entre os *surveys*, que exigiria diversas análises. Avaliou-se que, neste primeiro momento, mostra-se mais relevante oferecer os dados quantitativos ao conhecimento público para, posteriormente, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, produzir uma discussão de natureza qualitativa². Entre os dados destacam-se os “gerais e socioeconômicos” (razão de sexo, faixa etária, situação conjugal, domicílio e renda familiar); “dados escolares e acadêmicos”, como origem e avaliação escolar, avaliação das disciplinas de Cultura Religiosa e Filosofia; “caracterização religiosa”; caracterização sociopolítica e cultural; e dados da pesquisa de 2013 sobre “fecundidade e sexualidade”.

² Parte da análise sobre a situação religiosa dos estudantes também é apresentada, neste número de **Horizonte**, em artigo dos professores Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira e Roberlei Panasiewicz. Ulteriormente, serão produzidas novas análises desses dados, aqui preliminarmente apresentados, e novos dados que estão em processamento e fazem parte do desenvolvimento da pesquisa, por meio do FIP (2014-2015), agora sob a coordenação de Roberlei Panasiewicz.

1 Histórico e Metodologia

Os dados deste artigo se referem às pesquisas, de tipo quantitativo, produzidas a partir de *survey*, realizadas em 1990 e 2013. Para a pesquisa “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso” (2013) objetivou-se produzir um levantamento do perfil atual da juventude universitária da PUC Minas. A referência para tal empreendimento foi a pesquisa de 1990³, realizada na mesma universidade: “Perfil dos estudantes da PUC-MG”. No projeto aprovado pelo CNPq, em 2012, em parte aqui relatado, há o objetivo de comparar os resultados das duas pesquisas. Infelizmente, o banco de dados da pesquisa de 1990 não foi recuperado e existe apenas um relatório com os dados agregados, mas que foram oferecidos ao conhecimento público (BAPTISTA, 2013a). Mesmo assim, foi possível realizar a comparação com os dados possíveis, além de apresentar alguns dos novos resultados do *survey* de 2013.

1.1 A pesquisa “Perfil do Estudante da PUC-MG”, de 1990

Em 1990, foi apresentada à reitoria da PUC-MG, por meio do Serviço de Pastoral da Universidade (SPU), um projeto de pesquisa com o propósito de conhecer a realidade dos jovens da universidade. Tinha-se por objetivo fornecer dados para o planejamento desse serviço, criado em 1989. Aprovada, a pesquisa foi posteriormente ampliada com a meta de contribuir, também, com a gestão universitária. Devido a seu bom resultado, esse trabalho ensejou, em 1992, outra pesquisa para o levantamento da realidade dos jovens das Instituições Católicas de Ensino Superior (ICES), com o apoio da Associação Brasileira de Ensino Superior Católica (ABESC) (BAPTISTA, 2013b). Os relatórios dessas pesquisas, com os

³ Em 1990 e 1991 foram realizadas as pesquisas “Perfil do estudante da PUC Minas” (BAPTISTA, 1991) e “Perfil do estudante das instituições católicas de Ensino Superior” (BAPTISTA, 1992). Na época, a proposta visava a traçar a relação estudante/universidade e seus resultados, consolidados em relatórios, subsidiaram a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC), atual Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), os vários setores acadêmicos e de gestão da universidade, além de oferecer dados para o Núcleo de Cultura Religiosa. Deve-se mencionar a importante e significativa atuação nessas pesquisas do Pe. Alberto Antoniazzi (†2004).

principais resultados, foram publicados em 1991 e 1992 e estão arquivados na Biblioteca Pe. Alberto Antoniazzi, da PUC Minas, e também podem ser consultados em **Horizonte** (BAPTISTA, 2013a; BAPTISTA, 2013b).

A construção da primeira versão do questionário, aplicado como teste a alunos(as) de Cultura Religiosa, de diversos cursos da universidade e alunos do curso de Serviço Social, foi realizada no 1º semestre de 1990. As observações e críticas de compreensão ensejaram outros testes e a versão final foi aplicada no 2º semestre de 1990. Esse questionário pode ser consultado em Baptista (2013a, p. 1310-1313).

A PUC Minas, na época conhecida como PUC-MG, tinha em seu corpo discente o total de 12.733 estudantes, matriculados no 2º semestre de 1990, em 22 cursos. A amostra sorteada, de forma estratificada, foi de 3%, ou seja, 382 estudantes (BAPTISTA, 2013a, p. 1314). Esses cálculos estatísticos da amostra, da confiabilidade e margem de erro foram realizados pela profa. Elisete Assis de Rebello, do departamento de Matemática. Naquele momento, a PUC-MG se concentrava basicamente no *campus* Coração Eucarístico, mas já começava nesse 2º semestre de 1990 sua expansão, com o *campus* Contagem. Entretanto, não houve a inclusão dos alunos calouros (110) dessa unidade universitária.

Em relação à confiabilidade, trabalhou-se com 95% e margem de erro de 5%. O questionário tinha 81 questões (BAPTISTA, 2013a, p. 1310-1313), foi aplicado de modo presencial e respondido em papel. Destacam-se: a) questões gerais, como sexo, idade, estado civil, residência, naturalidade e nacionalidade; b) informações de natureza econômica, como trabalho, contribuição com a família, renda familiar, custeio dos estudos; c) avaliação da universidade, do curso, critérios de escolha, avaliação das disciplinas Cultura Religiosa e Filosofia; d) informações culturais e políticas; e) dados sobre religião e sobre interesse na Pastoral; f) dados sobre consumo de drogas. Os dados foram processados de modo manual e, posteriormente, digitados em computador, na época uma novidade.

1.2 O *survey* de 2013

Tomando-se como referência o relatório e o questionário de 1990, produziu-se o novo formulário de questões, no 1º semestre de 2013. Ao mesmo tempo, foi elaborado e apresentado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Minas, aprovado em 12 de agosto de 2013, sob o Protocolo n. 350.763, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n. 14387113.9.0000.5137⁴.

Optou-se pela aplicação do *survey* de modo *on-line*, por razões práticas: tempo e recursos humanos⁵. A primeira máscara do questionário foi produzida em setembro de 2013 e foram aplicados 5 testes de compreensão e de tempo de resposta, *on-line* e em papel, com mais de 30 estudantes da PUC Minas, de diferentes áreas – graduandos de Engenharia Civil, Filosofia, Pedagogia, e pós-graduandos em Ciências da Religião. O questionário também foi apresentado em seminário no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR/UFMG), em setembro de 2013, recebendo críticas importantes de professores, mestrandos e doutorandos. O último teste *on-line*, a partir das análises, correções, cortes e mudanças, foi aplicado em outubro e revelou a adequação do questionário. Em relação ao tempo, apesar do questionário comportar 253 itens, houve resultados entre 20 e 40 minutos, observando-se que o maior tempo foi apresentado por alunos(as) com alguma dificuldade para trabalhar com meios digitais. Por razões de espaço, não foi possível publicar o questionário como anexo. Almeja-se publicar o relatório da pesquisa na sessão documentação desta revista, trazendo esse formulário de questões.

⁴ Com essa aprovação, buscou-se o apoio logístico e técnico da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da PUC Minas, por meio de sua presidente, profa. Antonia Maria da Rocha Montenegro, pois a CPA tem realizado todo o processo avaliativo de modo *on-line*, com larga experiência, a partir de sistemas desenvolvidos pela Gerência de Tecnologia da Informação (GTI) da PUC Minas.

⁵ Com a decisão favorável desse apoio pela presidência da CPA, contou-se, ainda, com a contribuição fundamental dessa Comissão por meio da funcionária Isabel Cristina Passos e sua equipe, para a construção e lançamento da máscara do questionário no sistema, assim como da estatística, profa. Elisete de Assis Rebello, para os cálculos da amostra e percentuais dos resultados, em relação à confiabilidade e margem de erro. O questionário apresentava na primeira página o termo de consentimento livre e esclarecido.

Para o universo de 45.355 estudantes matriculados no 2º semestre de 2013 na PUC Minas, produziu-se uma amostra aleatória de 5.281 alunos, representantes das unidades/*campi*/institutos. Foi cadastrada essa amostra “n” com mais 30%, em um total de 7.077 alunos, para efeito de substituição e a fim de atender à confiabilidade de 95% e à margem de erro entre 2,5 e 5% (Quadro 1).

Quadro 1 – Amostra unidade/*campus*/instituto PUC Minas no 2º sem.2013

Unidade	População (N)	Amostra (n)	Amostra n + 30%
Arcos	1.151	289	376
Barreiro	5.472	360	468
Betim	4.108	353	564
Contagem	4.172	353	564
Guanhães	119	91	119
Poços de Caldas	4.889	357	464
São Gabriel	5.823	362	470
Serro	443	206	268
Coração Eucarístico	19.178	2.910	3.784
Total geral	45.355	5.281	7.077

Fonte: CPA, PUC Minas, 2013.

O formulário de questões foi disponibilizado para os alunos amostrados no período de novembro e dezembro de 2013. Houve 2.660 questionários respondidos, sendo que, a partir desse total de respostas, foi produzida síntese tabular com os dados agregados. Uma nova amostragem dos respondentes (amostra institucional) foi realizada a partir dos dados coletados e amostrados, proporcionalmente para cada unidade, para análise da realidade institucional.

Quadro 2 – Amostrados por unidade - Graduação PUC Minas no 2º sem.2013

Unidade	População (N)	Total de respondentes	Amostra institucional
Arcos	1.151	154	43
Barreiro	5.472	218	173
Betim	4.108	220	130
Contagem	4.172	223	130
Guanhães	119	46	1
Poços de Caldas	4.889	159	159
São Gabriel	5.823	190	188
Serro	443	108	15
Coração Eucarístico	19.178	1.342	607
Total geral	45.355	2.660	1.446

Fonte: CPA, PUC Minas, 2013.

Essa amostra institucional, com 1.446 estudantes, proporcionou um nível de confiança de 95% e uma margem de erro menor que 5%. Na maioria das questões, esse nível de margem de erro ficou próximo (mais e menos) a 3%. Dentro desse processo, foi possível obter uma visão geral da percepção dos alunos de graduação da PUC Minas de 2013 e compará-la com a da pesquisa realizada em 1990. Além da síntese tabular com dados agregados, produziu-se uma planilha dinâmica com os microdados para cruzamentos. Diversas questões, especialmente os dados com respostas “abertas”, ainda estão sendo processados.

Não foi possível produzir, nessa etapa da pesquisa e para este artigo, os dados e a análise por unidades e institutos da universidade. O erro teria variação entre 2,6 e 11,7%. Na continuidade desta pesquisa, em projeto do FIP PUC Minas (2014-2015), será possível avançar em algumas análises sobre essa estratificação.

O formulário de questões teve 253 itens e abarcou questões sobre:

- **I dados gerais:** sexo, raça, idade, naturalidade, nacionalidade, residência, estado civil, condição conjugal/afetiva, critérios para escolha de parceria conjugal;
- **II dados socioeconômicos:** trabalho, situação em relação ao responsável financeiro do domicílio, número e tipo de moradores do domicílio, contribuição para a renda do domicílio, renda familiar; classe social;
- **III dados escolares e acadêmicos:** histórico da escolaridade própria e da escolaridade dos pais e responsáveis e questões específicas sobre a PUC Minas: avaliação das disciplinas Cultura Religiosa e Filosofia e da Pastoral; expectativas em relação à extensão, à pesquisa e à continuidade dos estudos; bolsas; satisfação com o curso e critério de escolha;
- **IV caracterização religiosa:** filiação religiosa no ciclo de vida; religião dos pais/responsáveis; frequência religiosa e orações fora do local de culto; avaliação da própria religião/religiosidade/espiritualidade, das doutrinas, da moral, do seguimento e da liderança; como se dá a atualização religiosa; posicionamento sobre valores religiosos/éticos e concepções religiosas e morais, identificação de tipos de católicos;

- **V caracterização sociopolítica e cultural:** distribuição do tempo em atividades diversas, elenco de realidades importantes, participação em redes sociais e seu uso, avaliação das manifestações de 2013, uso/consumo e avaliação sobre drogas, participação em movimentos socioculturais e políticos, preferência partidária e critérios de escolha política, *bullying*;
- **VI dados sobre sexualidade e fecundidade:** relação sexual: tipo de parceiro, idade da 1ª relação, uso de prevenção; identificação da expressão da sexualidade; paternidade/maternidade; número de filhos, idade do 1º filho, desejo de ter filhos (ou mais filhos).

2 Resultados e análises comparativas

Apresentam-se a seguir os principais dados e comparações entre as pesquisas de 1990 e 2013, arriscando algumas hipóteses interpretativas.

2.1 Dados gerais e socioeconômicos

Entre 1990 e 2013, a PUC Minas teve um crescimento de mais de 350% no número de alunos (12.733 x 45.355). Além disso, passou de 22 cursos universitários para 55, distribuídos em 10 unidades, o que eleva o número de cursos/turno para a casa das centenas.

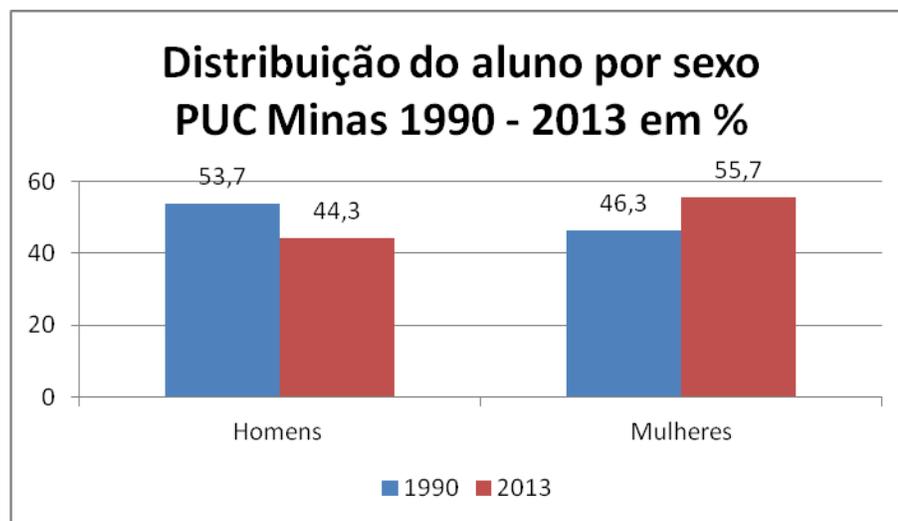
O primeiro dado significativo que aparece no *survey* de 2013 e proporciona comparação com a pesquisa de 1990 é relativo à razão de sexo. Houve importante mudança: de 1,16 em 1990 para 0,8 (0,796) em 2013. Vale destacar que a razão de sexo do Censo IBGE 2010 é 0,96, ou seja, 96 homens para cada 100 mulheres.

Na PUC-MG os homens eram 53,7% em 1990 e as mulheres 46,3%. É interessante observar a inversão dessa proporção com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” e do Ministério da Educação (INEP/MEC) para o ano de 1991: 53% de mulheres e 47% de homens (RISTOFF, 2013, p. 34). Além disso, a pesquisa abrangendo as ICES (BAPTISTA, 2013b) trouxe dados próximos aos do INEP/MEC de 1991: 58% de mulheres e 40%

de homens. Tal proporção tem sido mantida no país quase da mesma forma, com variações de 2 a 4 pontos percentuais desde 1992. Os Censos do Ensino Superior recentes, 2012 e 2013 (MEC, 2013; INEP, 2014), apresentaram os mesmos dados: 55,5% (mulheres) x 44,5% (homens). Essa também é a situação dos estudantes da PUC Minas de 2013: 55,7% de mulheres e 44,3% de homens, como mostra o Gráfico 1, seguindo os indicadores do INEP/MEC (BRASIL, 2014).

A hipótese para tal diferença é que a PUC-MG tinha forte presença masculina nos cursos de Engenharia na década de 1990. As áreas gerenciais também eram de predominância masculina. As mulheres se concentravam mais em cursos como Enfermagem, Psicologia, Serviço Social e as licenciaturas. Em 2013, a presença feminina mostra-se uma realidade em quase todos os cursos.

Gráfico 1 – Distribuição - alunos da PUC Minas por sexo em 1990 e 2013 (%)



Fonte: Baptista (2013a, p. 6).

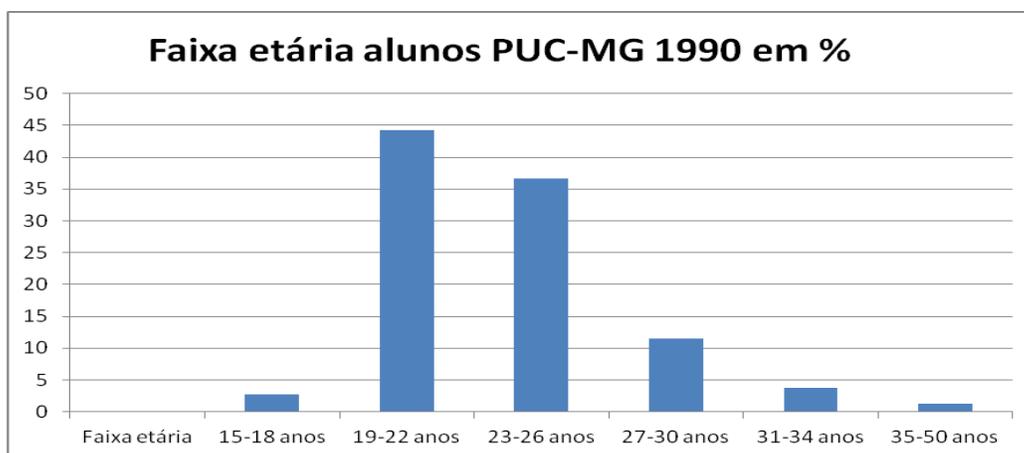
Em 1990, não houve o levantamento sobre cor/raça. Em 2013, a pesquisa identificou 52,9% de estudantes que se declararam brancos, 35,5% de pardos, 9,9% de pretos/negros, apontando, ainda, 1% de amarelos e 0,8% de indígenas. A questão de cor/raça desperta grande discussão acadêmica, não só por ser autodeclarada, mas também pela histórica questão da discriminação (ANJOS,

2013). Políticas de ações afirmativas têm produzido a inclusão de pretos/negros no Ensino Superior, o que pode ser constatado nos Censo do Ensino Superior do INEP/MEC, que mostram essa inclusão entre 1997 e 2011: passou-se de 1,8% para 8%. Quanto à naturalidade, em 2013, os estudantes brasileiros da PUC Minas eram 98,7%, pouco abaixo dos 99,7% de 1990, ou seja, o número de estudantes estrangeiros é extremamente pequeno.

Em relação à idade, em 1990 a maioria dos(as) alunos(as) da PUC-MG se situava entre 19 e 22 anos (44,2%), seguida do intervalo entre 23 e 26 anos (36,7%). Havia 95,1% dos estudantes na faixa etária entre 18 e 30 anos.

Nota-se, em 2013, um “envelhecimento” da juventude universitária da PUC Minas. Como não se trabalhou em 1990 com as faixas de idade da demografia, utilizou-se a referência adotada pelos dados agregados. Em 1990, 46,9% dos estudantes tinham até 22 anos e, em 2013, esse percentual caiu para 39,9%. Por outro lado, cresceu a faixa de 27 a 30 anos (de 11,5% para 12,5%) e, principalmente, as faixas de 31 a 34 anos (de 3,7% para 6%) e de 35 a 50 anos (de 1,3% para 8,8%). Em 1990 não havia estudantes com mais de 50 anos. Já em 2013, eles correspondiam a 1,1%. Não se tem a média de idade de 1990, porém, a média de 2013 ficou em 26,5 anos. Havia 53,2% de estudantes com 23 anos ou mais, em 1990, contra 60,1%, em 2013. Os gráficos 2 a 4 ilustram a distribuição etária dos alunos e alunas.

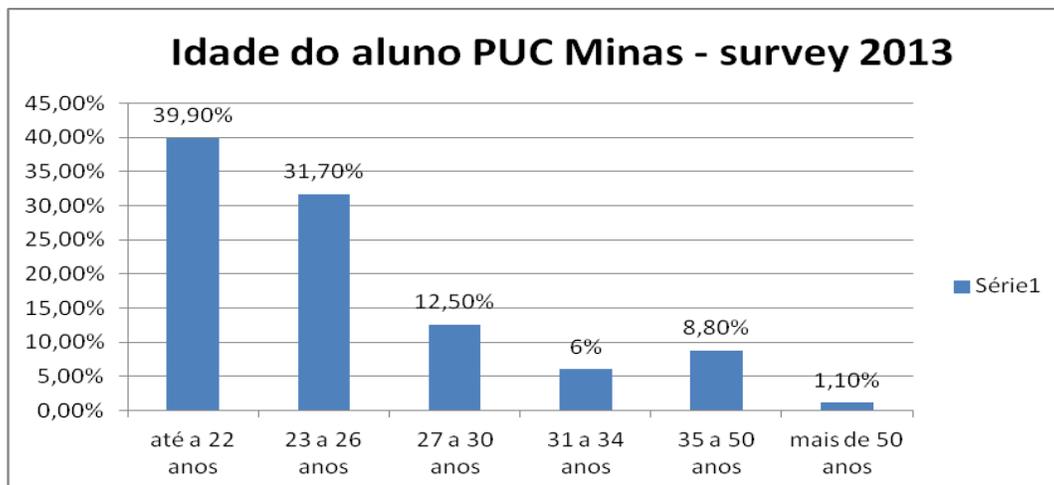
Gráfico 2 – Faixa etária dos(as) alunos(as) da PUC-MG em 1990 (%)



Fonte: Baptista (2013a, p. 7).

Nota-se nos gráficos 2 e 3 a diferença etária entre as pesquisas de 1990 e 2013, revelando esse envelhecimento.

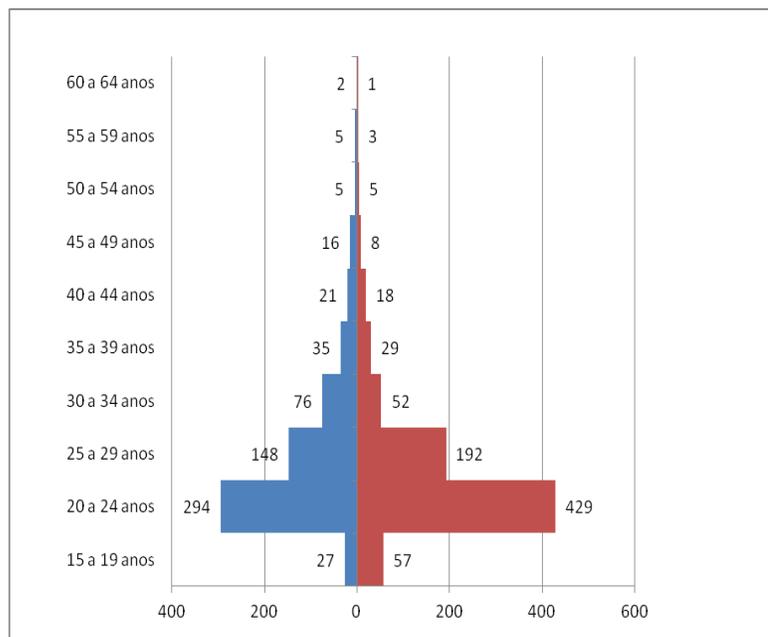
Gráfico 3 – Distribuição da idade - alunos(as) no *survey* de 2013 (%)



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

O Gráfico 4 apresenta a pirâmide etária, sendo as idades da demografia para o *survey* de 2013.

Gráfico 4 – Pirâmide etária no *survey* de 2013

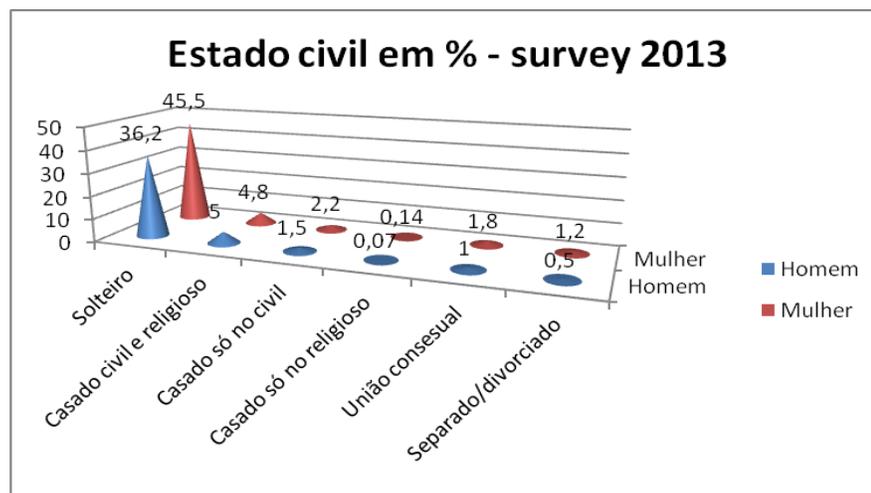


Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Levanta-se a hipótese, sem estabelecer relação com outros dados, como os dos Censos do Ensino Superior e do IBGE, bem como outras pesquisas demográficas, de que houve adiamento da entrada na universidade, seja por razões de trabalho, exigências do mercado e outras, como as financeiras. Entretanto, ao lado dessa hipótese, mostra-se mais plausível entender que as políticas públicas para o Ensino Superior, como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o Sistema de Seleção Unificada (SISU) e o financiamento do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), abriram esse espaço de inclusão de segmentos sociais e etários que não tiveram essa oportunidade no tempo certo. Observa-se que, em 1990, apenas 3,1% dos alunos tinham bolsa e 23,6% recorriam ao crédito educativo. Já em 2013, havia 55,6% dos estudantes com bolsa, entre PROUNI, empresas, sindicatos e outros tipos. Além das bolsas, constatou-se que 78% também utilizavam o FIES.

Outro dado importante é o estado civil. Na comparação, notou-se que 84,3% dos estudantes, em 1990, eram solteiros, contra 81,8% de 2013. Uma diferença que desaparece na margem de erro, mas que também pode corroborar a hipótese do envelhecimento. Em 1990, os casados eram 10,7% contra 16,5% de estudantes em situação de algum tipo de casamento (civil, religioso, coabitação) em 2013. Destaca-se que, em 2013, houve a identificação de 2,8% vivendo em união consensual (Gráfico 5).

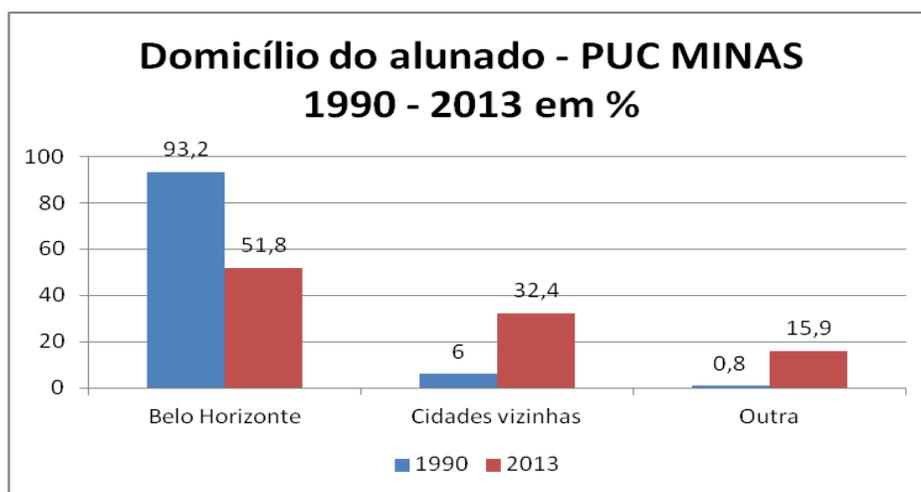
Gráfico 5 – Situação conjugal do alunado no survey de 2013 (%)



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Os dados sobre naturalidade revelam que houve queda nos percentuais comparativos entre as pesquisas: de 57,3% dos estudantes naturais de Belo Horizonte (BH) em 1990 para 52,6%, em 2013. Por outro lado, mais que dobrou o contingente de alunos dos municípios da Grande BH: de 5,5% (1990) para 12,8% (2013). Quanto ao domicílio (Gráfico 6), também houve significativa mudança: se em 1990 havia 93,2% dos estudantes residindo em BH e 6% em cidades próximas à capital do estado, em 2013 havia 51,8% residindo em BH e 32,4% na Região Metropolitana, havendo, ainda, 15,9% morando em outras cidades. Portanto, a PUC Minas está recebendo muito mais estudantes de fora da capital.

Gráfico 6 – Domicílio do alunado da PUC Minas em 1990 e 2013 (%)



Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

Quanto ao trabalho, cresceu o número de alunos(as) em atividade: de 61,5% (1990) para 70,1% (2013). Também cresceu o percentual daqueles(as) que contribuem para a renda familiar: em 1990 eram 33,8%, sendo que 59,7% não contribuía, e em 2013 havia 48% dos estudantes contribuindo para a renda da família, dos quais 11% são a fonte principal de recursos financeiros. Tais dados reforçam a hipótese do “envelhecimento”. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013 mostram que entre 2012 e 2013 houve aumento de quase 1% nos trabalhadores com Ensino Superior, de 13,1% para 13,9% (IBGE, 2014).

Sobre a renda familiar, os dados parecem contraditórios e merecerão aprofundamento no desenrolar da pesquisa, especialmente comparando com outras pesquisas de renda. A identificação das classes sociais, ainda em fase de análise de dados, também poderá ser confrontada com esses números. A Tabela 1 apresenta os dados comparativos.

Tabela 1 – Renda familiar em 1990 e 2013 (%)

Salário-mínimo (SM)	1990 (%)	2013 (%)
1 SM	1,1	2,4 ↑
1 a 2 SM	25	13,6 ↓
2 a 3 SM	19,6	20,5 ↑
3 a 5 SM	25,5	22,6 ↓
5 a 10 SM	18,5	20,5 ↑
10 a 20 SM	8,7	13,4 ↑
Acima de 20 SM	1,6	7,1 ↑

Fonte: Dados das Pesquisas de 1990 e 2013.

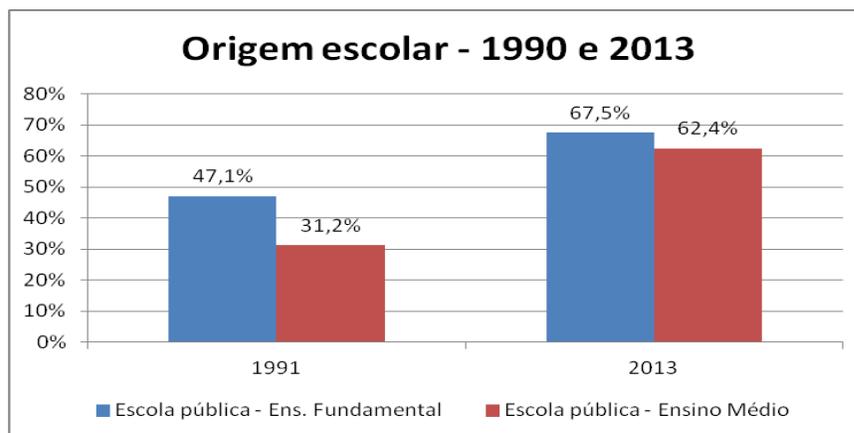
O que parece mais estranho é a queda de quase 50% na faixa de renda entre 1 a 2 SM, que precisa ser mais bem compreendida. Evidentemente, o país viveu grande mudança na valorização do SM desde a criação do Plano Real. O aumento efetivo, que ficou acima da inflação, na média por ano, foi de 4,6%. Em 20 anos, ele subiu 1.019% (FORDELONE, 2014). A pesquisa de 1990 fez referência apenas a “salário-mínimo”, nas diversas faixas. O *survey* de 2013, além da referência ao salário-mínimo, apresentava os respectivos valores em reais para cada faixa de 2013.

Nota-se o aumento do percentual de alunos com renda familiar acima de 5 SM, especialmente acima de 20 SM, exceção ao que já foi destacado antes, e também uma queda de 3 pontos percentuais na faixa entre 3 e 5 SM. Uma hipótese inicial, bem óbvia, é que a pesquisa de 2013, apesar dos problemas econômicos dos últimos anos, desde a crise de 2008, mostra que houve um crescimento da renda, em comparação com a situação anterior ao Plano Real, contexto de altíssima inflação.

2.2 Dados escolares e acadêmicos

As pesquisas de 1990 e 2013 colheram dados sobre a origem dos estudantes em relação do tipo de escola, pública ou privada. Os resultados comparativos são muito interessantes. A hipótese apresentada anteriormente, sobre o incremento das políticas públicas na educação, também parece fazer sentido aqui. Houve grande crescimento da participação da escola pública como origem dos universitários. Em 1990, eram 47,1% dos alunos que fizeram o Ensino Fundamental em escolas públicas e 31,2% dos estudantes que cursaram o Ensino Médio também nesse segmento escolar. Em 2013, no Ensino Fundamental, 69,5% (da 1ª à 5ª série) e 65,4% (da 6ª à 9ª série) eram oriundos de escolas públicas. No Ensino Médio essa participação da escola pública dobrou: 62,4% em 2013. A média para o Ensino Fundamental (da 1ª à 5ª série e entre a 6ª e a 9ª série) ficou em 67,5% em 2013 (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Origem escolar do alunado da PUC Minas em 1990 e 2013 (%)



Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

Houve no *survey* de 2013 uma questão sobre a avaliação do Ensino Fundamental e Ensino Médio. As respostas foram surpreendentes para a lógica do senso comum e a visão “quase” consensual sobre a qualidade da escola pública. Para 78,3% dos estudantes, o ensino da 1ª à 5ª série foi considerado bom (45,6%) ou ótimo (32,7%). Similarmente, 72,2% também consideram entre bom e ótimo o

ensino da 6^a à 9^a série. Com pequena queda, a avaliação do Ensino Médio ficou com 68,2%, sendo considerado bom (42,9%) ou ótimo (25,3%). Apesar dos graves e históricos problemas da educação no Brasil e dos resultados ainda insatisfatórios no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e na Prova Brasil, deve-se destacar o crescimento dos indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e a boa avaliação que os universitários oriundos da escola pública têm de sua formação nesse tipo de escola⁶. Revelam-se, também, resultados do crescimento do investimento público em educação dos últimos anos.

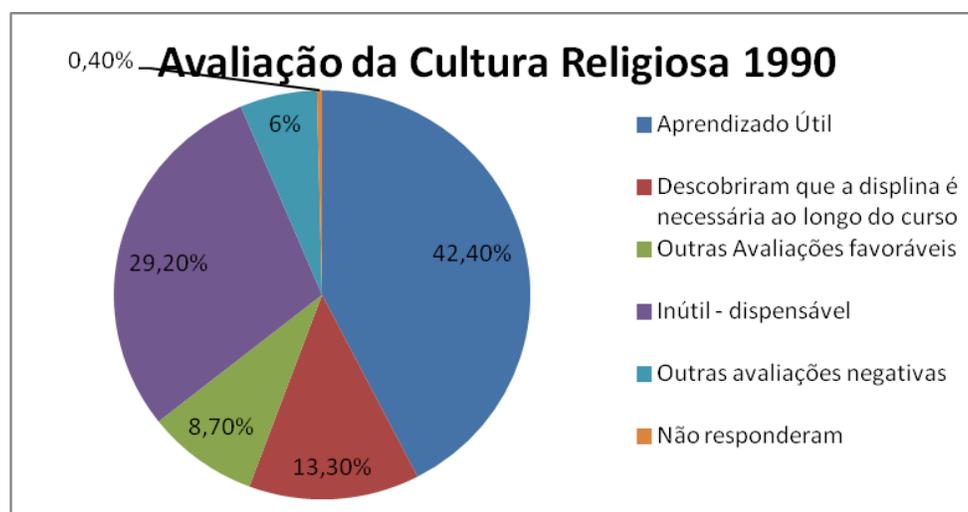
Diversos outros dados acadêmicos constaram no *survey* de 2013 e que não estavam na pesquisa de 1990. A maioria dos estudantes não fez cursinho (62,2%), assim como 76,6% estão fazendo seu primeiro curso de graduação. Outro dado importante diz respeito à escolha do curso: para a maioria (57,9%), foi utilizado como critério de escolha a aptidão; em segundo lugar (18,3%), a escolha foi a relação com o trabalho; e em terceiro lugar, o curso foi escolhido devido à relação com o mercado de trabalho (10,5%). Também houve grande manifestação de satisfação com a escolha (92,2%). Em 1990, houve a identificação de 66,2% que escolheram o “curso da profissão” e 17% que não tinham profissão definida.

Outras informações importantes, especialmente para a gestão universitária, surgiram nas questões relativas à extensão e à pesquisa: 71% têm interesse em participar de atividades de extensão universitária, sendo que outros 12,4% já participam. Quanto à participação em pesquisa, há percentual quase idêntico: 70,7% têm interesse. Aqueles que já realizam atividades de pesquisa totalizam 7,6%. Também há grande interesse em continuar os estudos na pós-graduação: 54,8% dos estudantes desejam cursá-la depois de formados e outros 33,6% assim que estiverem trabalhando.

⁶ O “Programme for International Student Assessment” (PISA) é aplicado a alunos de 15 anos, faixa etária do final da escolaridade básica obrigatória em diversos países, e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil tem melhorado, mas muito lentamente, em Matemática, Leitura e Ciências. O IDEB, coordenado pelo INEP, avalia fluxo escolar e média de desempenho dos estudantes, com base no Censo Escolar, na Prova Brasil e no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). O índice do IDEB passou, em uma escala de 10, de 3,8 em 2005 para 5,2 em 2013, tendo com meta chegar a 6 em 2022. Em comparação com outros países, houve grande crescimento, mas o Brasil está distante de diversos países. Essas e outras informações podem ser acessadas no *site* do INEP. Segundo dados da *Folha de S. Paulo* (FOREQUE, 2013), o Brasil aparece, entre os 65 países, na 13^a posição no PISA de 2012 (cf. OCDE, 2014).

As pesquisas de 1990 e 2013 se detiveram, também, em avaliar duas matérias que fazem parte de todos os currículos dos cursos da PUC Minas: Filosofia e Cultura Religiosa. Em 1990, havia 69,1% dos estudantes que cursaram Cultura Religiosa, oferecida na época nas disciplinas Cultura Religiosa I e II. Para 64,4%, a avaliação foi positiva, ainda que se considerando matéria “útil, mas não fundamental”. Por outro lado, a avaliação negativa ficou em 35,2%, sendo que 29,2% consideravam-na “inútil e dispensável” (BAPTISTA, 2013a, p. 1295-1296) (Gráfico 8).

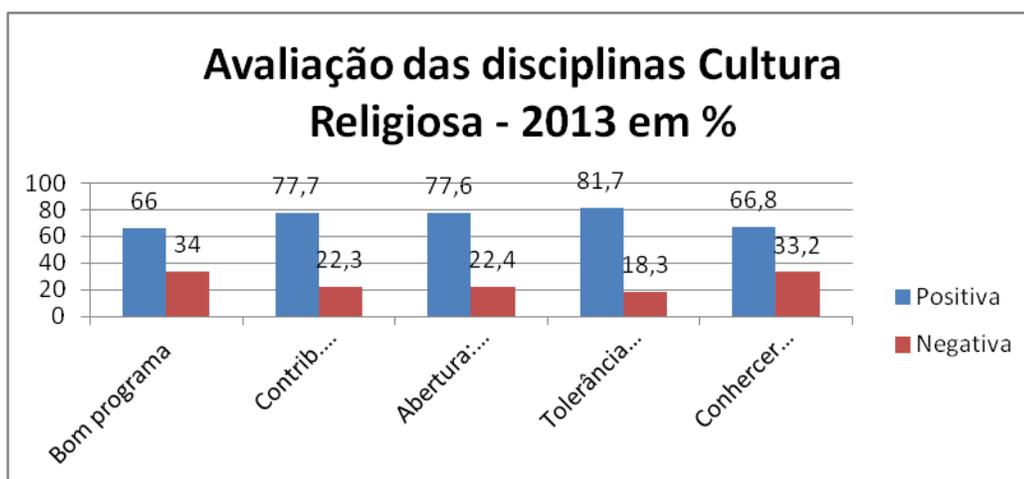
Gráfico 8 – Avaliação das disciplinas Cultura Religiosa I e II em 1990 (%)



Fonte: Baptista (2013a, p. 1296).

A avaliação dos docentes e do programa também foi positiva, sendo que o aspecto mais negativo dizia respeito à metodologia/didática (BAPTISTA, 2013a, p. 1296).

Já em 2013, o percentual de alunos que cursaram a matéria foi maior: 84,7%. Houve maior amplitude de critérios avaliativos, abarcando se o programa é interessante, sobre a contribuição para a formação humana e profissional, para o diálogo e o respeito, para a tolerância e o diálogo inter-religioso e para despertar a espiritualidade. Em todos esses quesitos, a avaliação foi positiva – “concordo totalmente” e “concordo”.

Gráfico 9 – Avaliação das disciplinas Cultura Religiosa I e II em 2013 (%)

Fonte: Dados da pesquisa de 2013.

A avaliação dos professores também foi muito positiva, identificando seu conhecimento (84,35), a didática (77,3%) e a boa relação com a turma (83,3%), mostrando significativa alteração em relação à pesquisa de 1990. Uma das razões possíveis para esse resultado foi a qualificação e a formação continuada dos professores, sendo que a quase totalidade tem pós-graduação *stricto sensu*. Outra razão, observada por este pesquisador, que também é docente dessas disciplinas, que constitui mais do que uma hipótese, é a constatação de que, hoje, há uma receptividade muito mais positiva às disciplinas do que em 1990. Na década de 1990 havia maior resistência dos(as) alunos(as) em cursá-las.

Quanto à matéria Filosofia, tendo 96,1% dos estudantes já cursado suas duas disciplinas, que abordam temáticas de Antropologia e História (introdução) da Filosofia e Ética, houve uma avaliação ainda mais positiva, tanto no programa (com 68,4%) como nos outros quesitos: formação profissional e ética (88,3%); abertura ao diálogo e respeito (83,5%); compreensão do mundo (87,1%); e pensamento crítico (81,9%). Sobre a avaliação dos professores, apenas a didática ficou inferior à avaliação de Cultura Religiosa (77,6%), com 72,4%. O conhecimento dos temas e a boa relação com a turma foi praticamente a mesma: 84,6% e 82,6%, respectivamente.

2.3 Caracterização religiosa

Observou-se, na análise dos dados, que tanto em 1990 como em 2013 há um papel importante da religião nessas duas gerações. Mais do isso, houve grande crescimento dos jovens que se declaram religiosos em 2013. Essa realidade também pode servir como uma das hipóteses explicativas que justifiquem o crescimento da receptividade positiva das disciplinas de Cultura Religiosa, já destacado.

Constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra 89,3% em 2013. Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 também mostrou queda da expressão religiosa entre os jovens. Houve, por exemplo, a queda do próprio catolicismo (de 73,9% para 64,6%). Os dados sobre a “não resposta”, em 1990, ficaram em 29,6% dos(as) alunos(as), e em 2013 totalizaram 17,4%; se incluirmos, em 1990, os ateus (2,2%), esse número chega a 30,9%. Também há outros 8,9% estudantes que disseram não ter “religião definida” em 1990 ou identificaram-se com “outras”. Aí, chegaríamos a um percentual de 40%.

O que significam esses números de 1990: seriam os “sem religião”? Como interpretar tal situação? A pesquisa de 1990 não incluiu opções para a expressão da filiação religiosa, como em 2013, que deixou a questão aberta.

Pode-se formular a hipótese sobre um campo intermediário, que não aparece nos censos e raramente é incluído em pesquisas. Postula-se que parte desses alunos, que não se identificam, não se filiam e não participam de “religião”, de nenhum tipo de instituição religiosa, não podem, sem mais, ser categorizados como “sem religião”, “sem” fé, religiosidade ou espiritualidade. Há diversos autores que têm se debruçado sobre essa questão (RODRIGUES, 2012; NOVAES, 2013). É plausível que uma parte deles possa ser de ateus, agnósticos ou de múltipla pertença religiosa. A pesquisa de 2013 abriu essa possibilidade de identificação: o novo modelo de questionário ofereceu espaço para a manifestação de outros tipos de expressão religiosa.

A Tabela 2 propicia melhor visualização desses dados, especialmente o desafio de compreender o fenômeno dos “sem religião”.

Tabela 2 – Ter ou não religião em 1990 e 2013 (%)

1990		2013	
Sim	Não	Sim	Não
63,1	27,5	89,3	10,7
Não responderam à questão		Não responderam à questão	
29,6		17,4	

Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

A interpretação da declaração relativa aos “sem religião” continua sendo um problema a ser refletido e pesquisado. Em 2013, conforme Tabela 4, houve a identificação daqueles se diziam “sem religião, com fé”. A expressão da “filiação religiosa atual”, em 2013, indicou que eles são 7,4%, algo próximo ao que o Censo IBGE 2010 identificou: 8%. Segundo Novaes (2013, p. 175), a média da idade dos “brasileiros que se declaram sem religião é de 26 anos”, o que coincidiria, em parte, com a realidade dos universitários. Para a idade de 15 a 29 anos, segundo o Censo 2010, eles chegariam a 9,5%. Observou-se nas pesquisas de 1990 e 2013 que houve crescimento da expressão da filiação religiosa de 41,5%, ou seja, de 63,1% (1990) para 89,3% (2013). Como explicar essa situação?

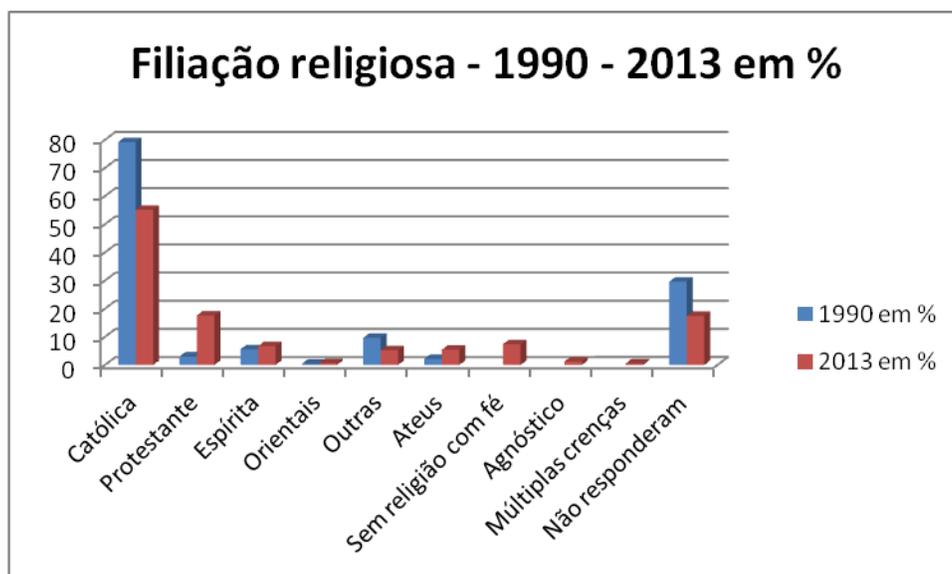
A hipótese levantada anteriormente defendia a posição de que a declaração de não ter religião não pode ser identificada como sendo de ausência de fé, religiosidade e espiritualidade. Nota-se que grupos de protestantes, por exemplo, quando perguntados se têm religião, respondem “não”. Entretanto, costumam dizer que têm fé em Jesus Cristo. Outra explicação plausível, já referida, encontra-se na diferença dos questionários: o novo modelo de 2013 ofereceu maior espaço, com opções, para expressão da atitude religiosa ou não do estudante. A pesquisa de Rodrigues (2012) discute outras hipóteses, como a mobilidade religiosa e o trânsito religioso.

Em 1990, quando os respondentes que manifestaram sua filiação religiosa foram solicitados a informar sua opção, os Católicos representavam a grande maioria: 79,2% ou 81%, se excluirmos dos cálculos percentuais os ateus⁷. O segundo grupo religioso que aparecia era “outros” (sem religião definida), com 8,9%, seguido dos Espíritas, com 5,6%. Os protestantes vinham em quarto lugar, com 3%. No Censo IBGE 1991, os protestantes eram 9% e as outras religiões representavam 3,6%, sendo que os Espíritas correspondiam a 1,1%. Os “sem religião” eram 4,7%. Somente a situação de filiação religiosa dos católicos esteve próxima ao levantamento censitário, o que mostra a peculiaridade da geração universitária, apesar do universo brasileiro.

Recentes resultados de pesquisas, como a da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ, 2013), mostram dados muito próximos quanto ao catolicismo. Em comparações longitudinais, na perspectiva transversal, entre 2003 e 2013, os católicos passaram de 65% para 55%; e na comparação entre as coortes (15 a 19 anos em 2003 e 25 a 29 anos em 2013), os católicos passaram de 65% para 57%. Tais resultados se aproximam do *survey* 2013. Já os números dos protestantes e das outras religiões se distanciam (SNJ, 2013).

Só a temática religiosa, como se pode ver, propiciaria diversas análises e comparações com outras pesquisas. Contudo, a prioridade deste artigo é oferecer os dados e possibilitar que os diversos pesquisadores dessas áreas se debrucem sobre eles.

⁷ O Censo do IBGE de 1991 indicava para a população brasileira o percentual de Católicos de 83,3%.

Gráfico 10 – Filiação religiosa do alunado da PUC Minas em 1990 e 2013 (%)

Fonte: Baptista (2013a, p. 1289).

A análise comparativa mostra, portanto, grande mudança em 2013: o crescimento do número de estudantes que declararam ter algum tipo de crença (de 63,1 para 89,3%), a diminuição daqueles(as) que deixaram de responder à questão, de 29,6 para 17,4%, além das quedas institucionais, como dos católicos (79,2 para 55,1), e o crescimento de todos os outros grupos, exceção a “outras”, especialmente o aumento expressivo dos protestantes de 3 para 17,6%. Tal crescimento protestante no meio universitário foi muito superior à realidade nacional censitária: de 586,7% (3 para 17,6% entre as pesquisas de 1990 e 2013), contra 246,7% entre os Censos IBGE de 1991 e 2010, ou seja, de 9 para 22,2%.

Ainda sobre a filiação religiosa, a pesquisa de 2013 abriu espaço para a importante identificação das religiões, indicando esse processo no ciclo de vida: infância (até 9 anos), na pré-adolescência (10 a 14 anos), na adolescência (15 a 18 anos), na juventude (19 a 29 anos), além de pedir a filiação “atual”.

A Tabela 4 mostra que a conhecida tendência geral dos grupos religiosos no Brasil, identificada nos últimos censos, também se manteve no *survey* de 2013. Na pesquisa de 2013 foi possível identificar tipos de igrejas protestantes, além do ateísmo, dos “sem religião com fé”, do agnosticismo e da múltipla religiosidade.

Nesse sentido, observou-se que os Pentecostais, excluindo o principal grupo protestante manifestado na pesquisa (Batista), representavam 5,4%, entre os 17,6% de protestantes. Se os Batistas forem incluídos entre os Pentecostais, hipótese plausível em Belo Horizonte, pela força da “Igreja Batista da Lagoinha”, de forte expressão pentecostal, então, os Pentecostais representariam 13,7% dos Protestantes, ou seja, 77,8% da tradição religiosa protestante entre os universitários. Portanto, o crescimento protestante identificado nos últimos Censos do IBGE, especialmente pentecostal, também ocorre entre os universitários.

Igualmente, observa-se na Tabela 4 os grupos que cresceram ao longo do ciclo de vida e aqueles que caíram. É importante destacar essa variação da infância para a religião atual. O catolicismo se apresenta com queda em todo o processo, revelando o trânsito religioso e sua condição de “doador universal”. Entretanto, na situação da “religião atual”, há quedas nos segmentos Protestante e Espírita. Ao contrário disso, as “outras religiões”, os “ateus”, os “agnósticos”, os “sem religião com fé” e aqueles com “múltipla religiosidade” continuaram em crescimento. O amadurecimento do universitário e o “espírito” mais crítico do ambiente podem servir de hipótese explicativa para tal realidade. Regina Novaes (1985, p. 48) apontava, na década de 1980, que o catolicismo era concebido como a “lei dos pais”, ou seja, o trânsito para outras religiões, como o protestantismo, também representava o rompimento com a família. Essa realidade mudou completamente (NOVAES, 2013, p. 182).

Tabela 3 – Filiação religiosa no ciclo de vida na PUC Minas em 2013 (%)

Religião	Infância (até 9 nos)	Pré-adolescência (10 a 14 anos)	Adolescência (15 a 18 anos)	Juventude (19 a 29 anos)	Atual (dez. 2013)
Católica	80,9	73,7 ↓	62,5 ↓	55,3 ↓	55,1 ↓
Protestante	12,0	15,4 ↑	17,1 ↑	18,6 ↑	17,6 ↓
Espírita	1,7	3,7 ↑	5,3 ↑	7,1 ↑	6,7 ↓
Outras	2,8	3,2 ↑	4,3 ↑	5,3 ↑	5,9 ↑
Ateu	0,9	2,0 ↑	4,8 ↑	5,1 ↑	5,4 ↑
Agnóstico	0,25	0,17 ↑	1,1 ↑	1,1 ↑	1,2 ↑
Sem religião, com fé	1,3	1,7 ↑	4,5 ↑	7,1 ↑	7,4 ↑
Múltipla religiosidade	0,17	0,17	0,25 ↑	0,42 ↑	0,5 ↑

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Quanto à Tabela 3, a condição de queda/transferência do catolicismo para outras religiões também é observada em pesquisa em Belo Horizonte (PANASIEWICZ, 2012, p. 1260), mas também na realidade latino-americana: segundo o Pew Research Center (2014, p. 10), são 54% os protestantes que foram criados no catolicismo.

A Tabela 4 mostra a comparação dos dados em 1990 e 2013, incluindo o conjunto das “religiões orientais”, realidades provocantes à análise.

Tabela 4 – Comparação da declaração de filiação religiosa dos(as) alunos(as) da PUC Minas em 1990 e em 2013 (%)

Religião	1990	2013
Católica	79,2	55,1 ↓
Protestante	3,0	17,6 ↑
Espírita	5,6	6,7 ↑
Orientais	0,4,	0,7 ↑
Outras	9,6	5,2 ↓
Ateus	2,2	5,4 ↑
Sem religião, com fé	7,4
Agnóstico	1,2
Múltipla religiosidade	0,5
TOTAL	100%	100%
Não responderam	29,6%	17,4%

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

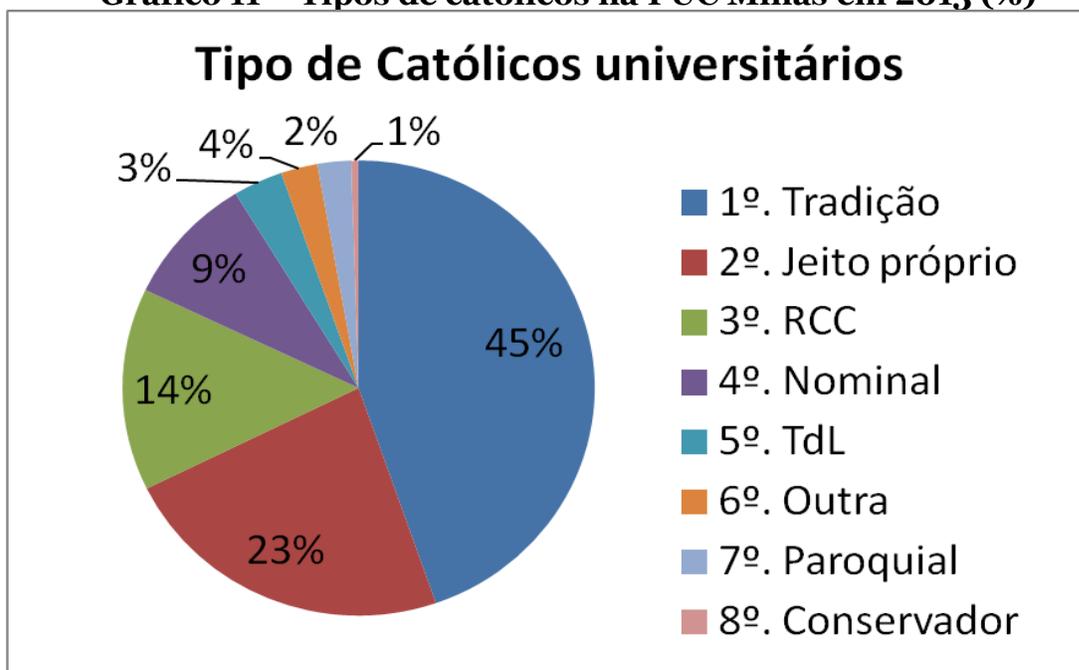
Sobre o grupo Protestante, em 2013, foi possível identificar as diversas Igrejas: Presbiteriana, Luterana e Metodista, com 3,9%; os Batistas, com 8,3%, e os Pentecostais (Quadrangular, Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Maranata, Igreja Universal do Reino de Deus, Deus é Amor), com 5,4%. Como já dito, destaca-se a maior filiação à Igreja Batista. Entretanto, a pesquisa não diferenciou tipos de Batistas, “tradicionais”, “renovados” ou pentecostais. Diferentemente do Censo IBGE 2010, o crescimento pentecostal, especialmente da Assembleia de Deus, não se fez presente entre os universitários em 2013 (JACOB et al., 2013, p. 15).

Houve crescimento significativo dos jovens ateus: passaram de 1,6% para 5,4%, entre 1990 e 2013, um aumento de 238%, como também cresceu o número daqueles que se declaram espíritas: de 3,9% para 6,7%, um aumento de 72%.

O *survey* de 2013 trouxe um grande leque de opções de religião para a escolha dos respondentes e ainda apresentou a opção “outra religião”, escolhida por 1,8% dos estudantes. O pluralismo religioso e o crescimento da diversidade religiosa é uma realidade presente. As religiões com baixa autodeclaração foram as seguintes: Budismo, Messiânica, Testemunhas de Jeová, Adventistas, Umbanda, Candomblé, Judaísmo, Seicho-no-ie, Mórmons e Wicca, totalizando 2,4%. As religiões orientais assinalam um pequeno crescimento, de 0,4%. A tradição afro-brasileira, não identificada na pesquisa de 1990, agora aparece com 1,1% (Umbanda 0,67% e Candomblé com 0,43%).

Uma novidade de 2013 foi identificar os tipos de católicos, o que pode ser visualizado no Gráfico 11, com 8 tipos, incluindo a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Teologia da Libertação (TdL):

Gráfico 11 – Tipos de católicos na PUC Minas em 2013 (%)



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Outro dado comparativo importante diz respeito à frequência religiosa (Tabela 5).

Tabela 5 – Frequência às cerimônias religiosas 1990 e 2013 (%)

Frequência	1990	2013
Frequentam regularmente	24,6	26,6
2 ou 3 vezes por mês	-----	9,5
Raramente	-----	32,8
Não frequentam	55,0	4,6
Não responderam	20,4	26,5
TOTAL	100%	100%

Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

Apesar de não existir correspondência entre as questões de 1990 e 2013, perguntou-se sobre frequência religiosa. Observa-se que há maior frequência entre os jovens universitários atualmente do que naquela época. Em 1990, eram 55% os estudantes que não frequentavam os atos religiosos, contra 24,6% que participavam, dos quais 15,4% eram mulheres. Em 2013, os que frequentam (de todo dia a 2 ou 3 vezes por mês) eram 36,1% e raramente (1 vez por mês ou socialmente) eram 32,9%. Já 31% estavam entre os que não frequentavam, seja sua própria religião (4,6%), os que não declararam filiação (9%), incluindo, ainda, os que não responderam à questão (17,4%).

Em relação à participação em outras atividades da religião, somente a pesquisa de 1990 formulou a pergunta dessa maneira. Dos respondentes, a maioria disse frequentar grupos de jovens (5,5%) e, em segundo lugar, indica-se a participação em encontros e cursos (orações e cursilhos), com 2,6%.

No *survey* de 2013 houve uma questão sobre preces e orações fora dos locais sagrados. A resposta foi que 53,7%, ou seja, mais da metade dos respondentes, fazem-nas todos os dias fora dos locais sagrados e de culto; 11,3% fazem 2 ou 3 vezes por semana; e 7,5% 1 vez por semana. Somando essas porcentagens, concluímos que 72,5% dos estudantes fazem preces e orações regularmente fora dos locais sagrados e de culto. Temos, ainda, que 8,8% dos(as) alunos(as) nunca as fazem fora desses locais e 13,4% o fazem muito raramente, totalizando 22,2%.

Finalizando os dados religiosos, perguntou-se nas duas pesquisas sobre a atividade “Pastoral universitária”. Em 1990 havia 69,4% dos estudantes que não conheciam esse setor da universidade, percentual próximo ao de 2013: 72,5%. Manifestaram interesse em participar 32,2% dos estudantes em 1990. O *survey* de 2013 identificou que 80,3% nunca participaram de atividades desse setor, mas também revelou que 33,5% têm interesse em participar de grupos de reflexão, 43,6% têm interesse em participar de atividades em comunidades carentes e 24,5% mostram interesse em participar de celebrações religiosas.

2.4 Caracterização sociopolítica e cultural

A parte do questionário de 2013 sobre a situação sociopolítica e cultural foi bem abrangente, correspondendo a 42,7% do formulário, com 108 questões. Tratou do uso do tempo pelos(as) alunos(as), a identificação do que é importante na vida do(a) estudante, sua participação em redes sociais e seu uso, além da avaliação sobre manifestações, marcadamente juvenil, de 2013, além do uso/consumo e avaliação sobre drogas, a participação em movimentos socioculturais e políticos, a preferência partidária e critérios de escolha política, e, por fim, o tema preconceito/*bullying*. Infelizmente, foi a parte menos trabalhada nesta etapa da pesquisa. Em 1990, esses dados ficaram separados em “participação sociopolítica e religiosa” e “hábitos socioculturais”. Destacam-se apenas alguns dados mais significativos, deixando fora as questões ético-morais, drogas, participação em movimentos e grupos, além de preconceito e *bullying*.

Em 2013, as atividades às quais são dedicadas mais horas na semana (8 a 10 ou mais) referem-se às redes sociais/internet (32,7%) e estudo (24,7%). A opção “atividade religiosa” teve 29,3% dos respondentes informando “zero” hora, um pouco abaixo de festas, com 31,3%, e bem distante de jogos digitais (64,8%) e eventos culturais (49,7%), também com zero hora. Em 1990, a utilização do tempo livre teve como primeira opção (34,5%) “eventos sociais”, seguida de cinema/teatro, com 20,2%. A participação em eventos religiosos foi baixíssima

como 1ª opção, com 1,8%.

Sobre o que é importante na vida, pergunta que foi apresentada somente em 2013, com 15 opções, destaca-se em primeiro lugar o estudo (99,2%), seguido de família (99%), trabalho (98,5%), amizade (98,4%). Deus, religião e espiritualidade aparecem em 8º lugar de importância, mas com percentual alto (89%), depois de dinheiro (92,3%), mas acima de esporte (84,7%), sexo (84%), política (73,9%) e, paradoxalmente, redes sociais (39,5%).

Quanto ao tipo de leitura, destaca-se que em 2013 se lê muito: “textos” para atividades escolares, em 1º lugar para 78,7%, e livros básicos (63,9%). Literatura ficou em 4º lugar, com 32,5%. Bíblia e livros religiosos/de espiritualidade ficaram em 7º e 9º lugares (entre 11 opções), com 20,6% e 15,4%, respectivamente, acima de revistas semanais (13,1%) e autoajuda (8,7%). Em 1990, aparecia como 1ª opção a leitura de periódicos (38,5%), seguida de literatura (27%). Espiritualidade era a 4ª opção, com 10,5%, o que parece reforçar o perfil comparativo já apresentado, mostrando mais interesse religioso nos universitários de 2013.

Há 91,6% dos estudantes conectados a redes sociais em 2013, que manifestaram utilizá-las para “passar o tempo” (94,5%), para criar relações profissionais (82,9%) e expressar-se politicamente (79,1%). Quanto às manifestações políticas de 2013, 86,3% dos estudantes as consideraram importantes para mudar o país e 49,7% indicaram que elas os ajudaram a mudar sua visão.

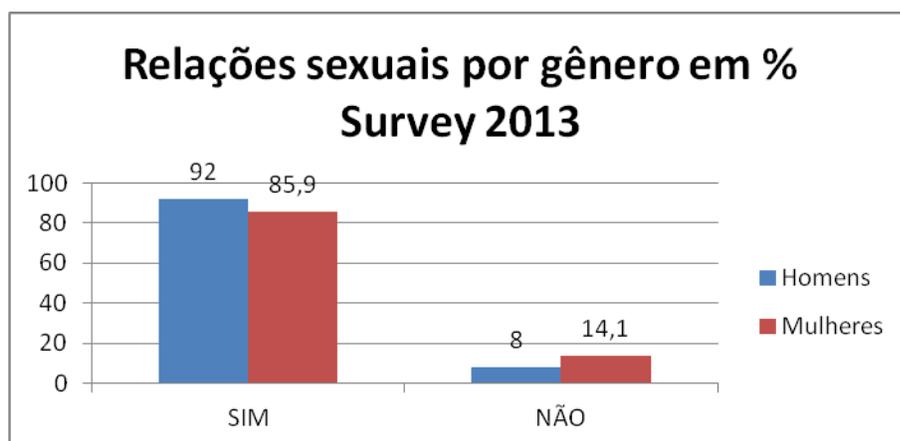
Sobre a opção político-partidária, observou-se em 1990 que 61,8% dos(as) alunos(as) indicaram o partido. O preferido foi o PT (31,7%), seguido do PSDB (11,5%). Em 2013, uma possível decepção política parece se revelar na manifestação de 75,3% dos estudantes que disseram não ter preferência partidária. O PT continuou sendo a 1ª opção (13,4%) e o PSDB a 2ª (4,6%), bem abaixo de 1990. Cruzando com dados religiosos, observou-se que o maior apoio ao PT, ainda que pequeno, é do grupo “sem religião, com fé” (14,6%), seguido dos ateus (13,8%) e dos católicos (13%).

Sobre critérios para a escolha dos candidatos (questões de 2013), perguntou-se sobre a última eleição (2012): a 1ª resposta foi “analisar informações do candidato/partido” (39,9%), seguida de “escolher a pessoa e suas propostas e não o partido” (21,3%). Para a próxima eleição mantiveram-se as mesmas opções, respectivamente, com 54,2% e 16,6%.

2.5 Dados sobre sexualidade e fecundidade

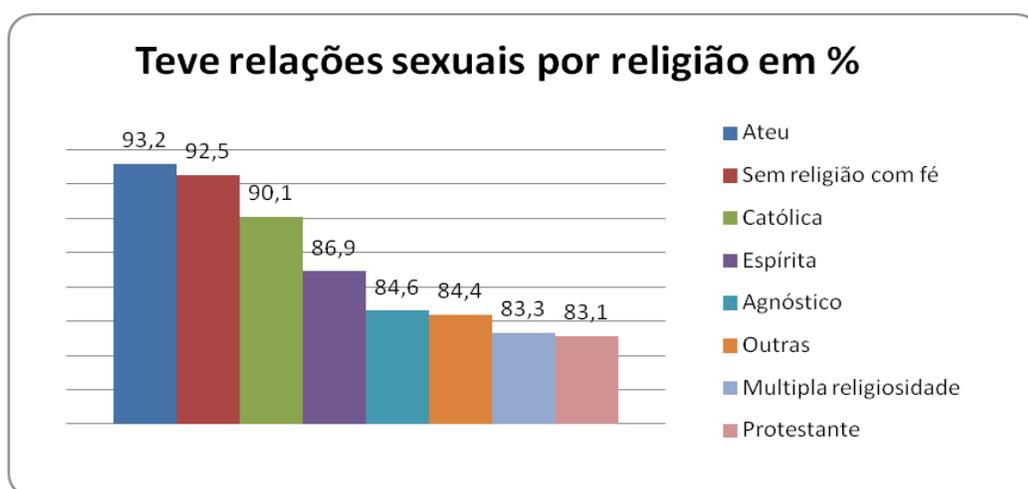
Questões de natureza sexual e afetiva não são fáceis de ser coletadas e analisadas, pois na coleta dos dados observa-se receio das pessoas em expressar informações íntimas dessa natureza. O questionário *on-line* pode reduzir esse problema. Diferentemente de 2013, em 1990 não foram levantadas essas questões. Entretanto, no *survey* de 2013, essas perguntas ficaram na última parte, nos itens 240 a 253, o que certamente também contribuiu para a ocorrência do maior percentual de estudantes que não responderam às perguntas, deixando a margem de erro em 3%.

Perguntados se já tiveram relações sexuais, 88,8% dos respondentes disseram que sim, sendo que, destes, 41,6% eram homens e 47,2% mulheres. Contudo, analisando a proporção dos respondentes por sexo, observou-se que 92,2% dos homens tiveram relação sexuais, contra 85,9% da mulheres. O percentual de respondentes foi de 72,6%, ou seja, 1.050 entre os 1.446 da amostra institucional (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Estudantes que tiveram relações sexuais por gênero, survey 2013 (%)

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Entre os que declararam já ter tido relações sexuais, observou-se que os grupos “ateus”, “sem religião, com fé”, e católicos estavam acima de 90%. Apesar da pouca diferença entre as religiões, destaca-se, ainda, que o grupo religioso correspondente à menor declaração de iniciação sexual é protestante, com 83,1%, tradicionalmente conhecido pelo rigor em termos de moral sexual. O Gráfico 13 ilustra essa realidade.

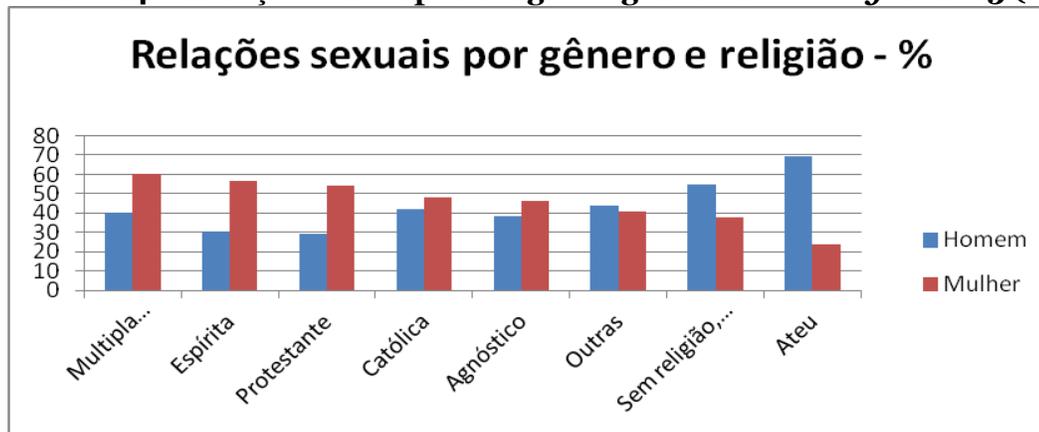
Gráfico 13 – Relações sexuais por religião no survey de 2013 (%)

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Excluindo os estudantes que não responderam a essa questão e cruzando os dados com filiação religiosa e sexo, observa-se que as mulheres predominam entre

os grupos de “múltipla religiosidade”, “Espíritas”, “Protestantes”, “Católicos” e “Agnósticos”. Os homens predominam entre os “ateus”, “sem religião com fé” e “outras”. Houve o cuidado de levantar o percentual proporcional por sexo, dentro dos grupos religiosos, evitando o dado absoluto, que alteraria o resultado, tendo em vista que há mais mulheres (Gráfico 14).

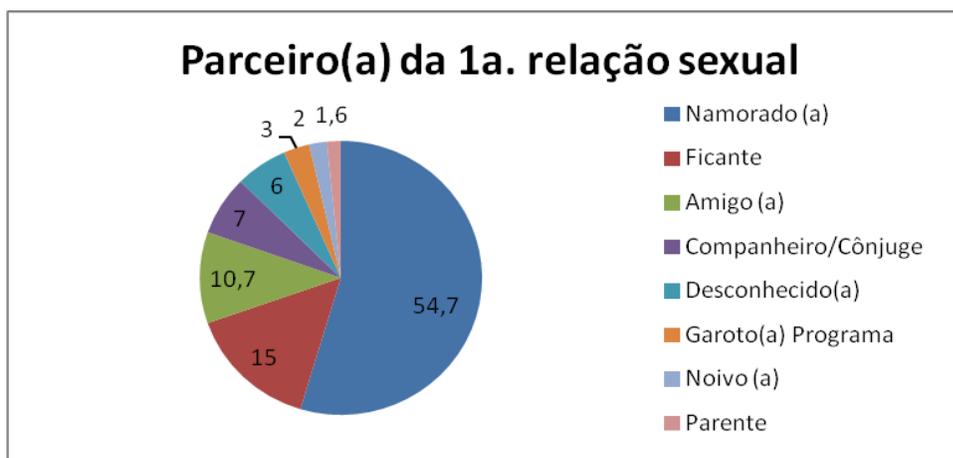
Gráfico 14 – Relação sexual por religião e gênero no survey de 2013 (%)



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Questionados se a primeira relação sexual foi consensual, a quase totalidade respondeu que sim: 97,3%. Sobre o parceiro dessa relação, com mais da metade das respostas (54,7%), apontou o(a) namorado(a), seguido do(a) “ficante” (15%) e do amigo(a), com 10,7% (Gráfico 15).

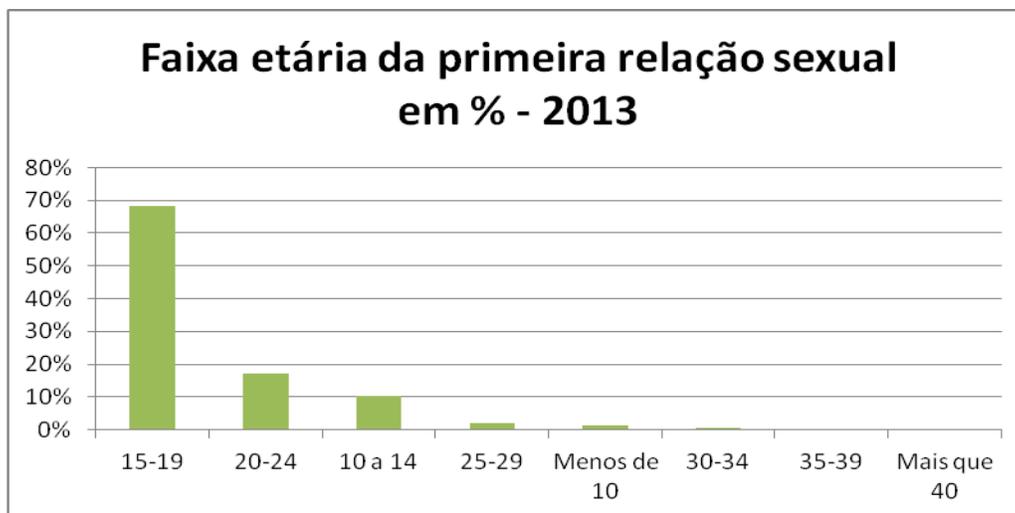
Gráfico 15 – Parceiro(a) da primeira relação sexual no survey de 2013 (%)



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

O Gráfico 16 ilustra a faixa etária da primeira relação sexual.

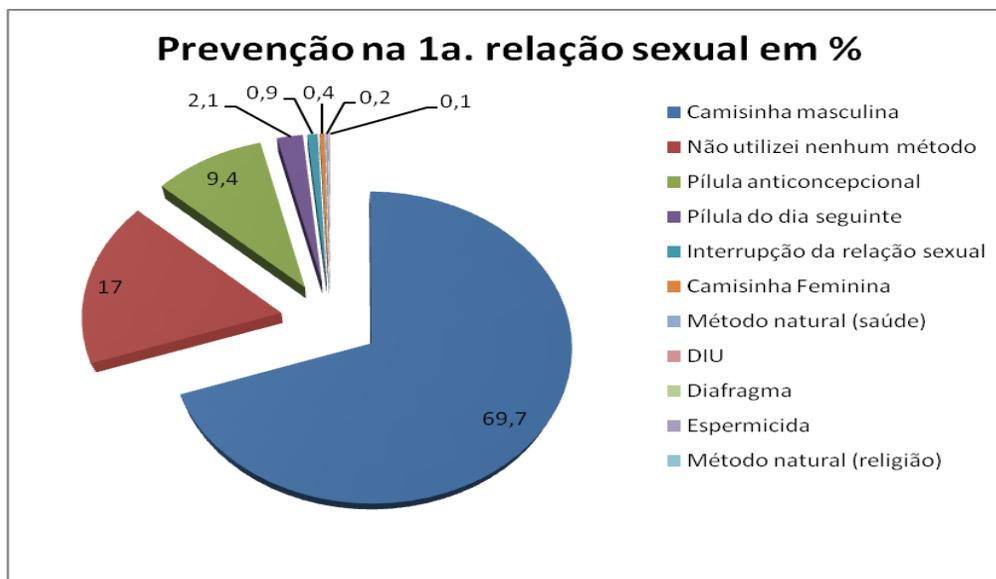
Gráfico 16 – Faixa etária da primeira relação sexual no *survey* de 2013 (%)



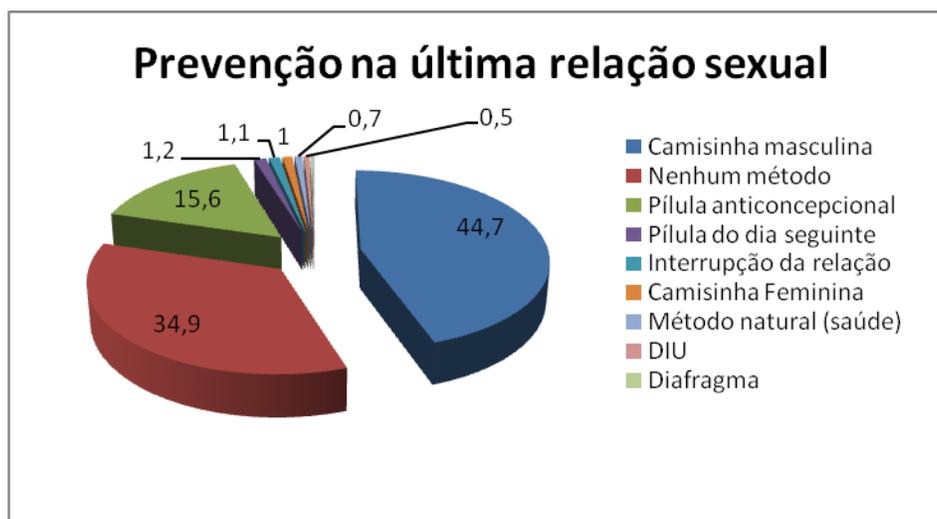
Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Quanto à prevenção na primeira e na última relação sexual, os dados obtidos na pesquisa de 2013 indicam descuido com a proteção (gráficos 17 e 18).

Gráfico 17 – Prevenção na primeira relação sexual, *survey* de 2013 (%)



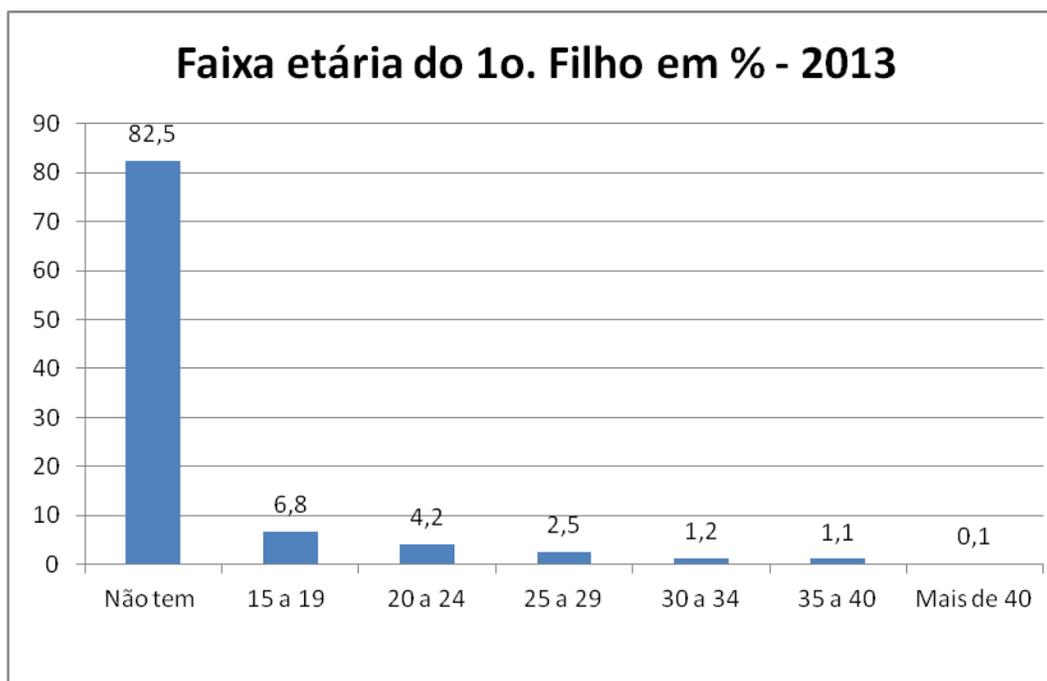
Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Gráfico 18 – Prevenção na última relação sexual no *survey* de 2013 (%)

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Além disso, pode-se fazer referência à expressão da sexualidade, que identificou 92,9% dos estudantes como heterossexuais e 4,4% se declarando homossexuais (70% do sexo masculino) e, ainda, 2,2% bissexuais, com 50% para cada gênero.

Sobre a fecundidade, 82,5% dos(as) alunos(as) respondentes não têm filhos e 17,5% declararam tê-los, predominando 1 filho (63,8%), havendo 23,3% com 2 filhos e 7,4% com 3 filhos. Sobre a faixa etária do primeiro filho, o Gráfico 18 revela essa distribuição, mas que deverá ainda ser analisada com mais cuidado nos microdados. Há predomínio da faixa etária entre 15 e 19 anos, com 6,8% dos estudantes em primeiro lugar, portanto, na condição jovem/adolescente dos estudantes universitários, seguida do percentual de 4,2% para a faixa etária de 20 a 24 anos (jovem/jovem). Como não se perguntou sobre filhos nascidos vivos de cada estudante universitária, nem o ano dos nascimentos, não foi possível calcular a taxa de fecundidade. Também não foi possível, para este artigo, identificar a fecundidade e os filhos por religião.

Gráfico 19 – Faixa etária do primeiro filho no survey de 2013 (%)

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Quanto à intenção de ter filhos, 51,7% dos estudantes gostaria de ter 2 filhos e 20,3% apontaram 3 filhos, mas 9,4% não quer ter filhos. Sobre a idade ideal para ter filhos, 86,6% consideram a faixa etária entre 25 e 34 anos, sendo 44,9% para 25 a 29 anos e 41,7% para 30 a 34 anos.

Há, ainda, muitos dados a ser apresentados, cruzados e analisados sobre sexualidade e fecundidade. No limite deste artigo, já bem extenso, esses foram os selecionados.

Conclusão

Os dados, apresentados de modo panorâmico e preliminarmente analisados por meio de algumas hipóteses, oferecem muitas possibilidades de cruzamento, em especial com as informações sobre filiação religiosa e sexo. Entre os 253 itens do questionário, não houve a possibilidade de mostrar questões de natureza valorativa, costumes e acerca do uso de drogas e do *bullying*, por exemplo.

A continuidade da pesquisa ensejará muitos elementos a ser divulgados, discutidos e analisados. Almejou-se, agora, oferecer apenas esses dados comparativos sobre o perfil do estudante da PUC Minas, possibilitando identificar o que mudou entre 1990 e 2013. Tais dados podem contribuir para que outros pesquisadores tenham elementos para enriquecer seus debates e suas análises.

Na continuidade da investigação, há diversas pesquisas que poderão ser aproveitadas, servindo de referência sobre a realidade da juventude e da juventude universitária como Cardoso (2004), Abramo et al. (2005), Perez (2007), Ribeiro (2009), Sofiati (2010), Neri e Melo (2011), Miranda-Ribeiro (2011), entre outras, como algumas recentes, citadas no artigo, além de análises comparativas com os Censos IBGE e as PNAD.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W.; MARTONI, Pedro Paulo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANJOS, Gabriele dos. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 2013-118, 2013. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/2934/3163>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

BAPTISTA (Coord.), Paulo Agostinho Nogueira. Relatório da Pesquisa "Perfil do Estudante das Instituições Católicas de Ensino Superior". **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1214-1274, out. 2013b. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5898>>. Acesso em: 24 Out. 2013.

BAPTISTA (Coord.), Paulo Agostinho Nogueira. Relatório da Pesquisa "Perfil do Estudante da PUC-MG". **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1275-1314, out. 2013a. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5904>>. Acesso em: 24 Out. 2013.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. (Coord.). **Perfil do estudante da PUC-MG**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1991. 34p.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. (Coord.). **Perfil do estudante das instituições católicas de ensino superior**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1992. 47p.

BRASIL. Cursos de graduação têm 6,3 milhões de alunos em 2,3 mil instituições. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17239>. Acesso em 28 jun. 2012.

BRASIL. Matrículas no ensino superior crescem 3,8%. Censo da Educação Superior. 09 set. 2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensino-superior-crescem-3-8>. Acesso em: 17 set. 2014.

CARDOSO, Alexandre. Dimensões básicas da religiosidade belo-horizontina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 63-75, 2005.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

FORDELONE, Yolanda. Salário mínimo sobe 1019% em 20 anos, mas inflação tira parte dos ganhos. O Estado de São Paulo. 26 maio 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,salario-minimo-sobe-1019-em-20-anos-mas-inflacao-tira-parte-dos-ganhos-imp-,1171642>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

FOREQUE, Flávia. Brasil teve 'grande avanço' no Pisa, afirma Mercadante. **Folha**. Educação. 03 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/12/1380024-brasil-teve-grande-avanco-no-pisa-afirma-mercadante.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. PNAD 2013 retrata mercado de trabalho e condições de vida no país. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2722>>. Acesso em 26 set. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Censo da Educação Superior 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe. **Religião e território no Brasil – 1991/2010**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Censo de Educação Superior 2012. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1379600228mercadante.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Para além da filiação religiosa: religião, religiosidade e o panorama religioso em Ribeirão das Neves-MG, Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 715-728, out./dez. 2011.

NERI, Marcelo Cortez; MELO, Luisa Carvalhaes Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 637-673, out./dez. 2011.

NOVAES, Regina. **Escolhidos de Deus**. Pentecostais, trabalhadores e cidadania. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/ISER, 1985. (Cadernos do ISER n. 19).

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 175-190.

OCDE. PISA 2012 participants. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/aboutpisa/pisa-2012-participants.htm>>. Acesso em 25 nov. 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei. Religião e Catolicismo em Belo Horizonte: dados de pesquisa e leitura teológico-pastoral. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1255-1279, dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1255/4657>>. Acesso em: 29 nov. 2014.

PEREZ, Léa Freitas. Nos rastros da área da religião na UFMG: algumas notas e breves reminiscências. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 8, n. 11, p. 119-133, jan./jun. 2007.

PEW RESEARCH CENTER. Religião em América Latina. Cambio generalizado en una región historicamente católica. 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america/>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Editora Loyola.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, dez. 2012. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1130>>. Acesso em: 16 nov. 2014. doi:10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130.

RISTOFF, Dilvo. Vinte e um anos de Educação superior - Expansão e Democratização. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 3, jan./jun. 2013.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE – SNJ. **Pesquisa de opinião pública**. Agenda Juventude Brasil 2013. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

UNITED NATIONS. Departement of Economic and Social Affairs. Population Division. Geração. In: **Dicionário Demográfico Multilingue**. Disponível em: <<http://pt-ii.demopaedia.org/wiki/11#116>>. Acesso em 11 nov. 2014.